



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística
e Artes: Perspectivas
Críticas e Teóricas 3

Atena
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes:
Perspectivas Críticas e Teóricas 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L649	Letras, linguísticas e artes: perspectivas críticas e teóricas 3 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguísticas e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-705-5 DOI 10.22533/at.ed.055190910 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série. CDD 407
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Neste terceiro volume, os autores apresentam suas reflexões de maneira crítica e analítica, colocando em cada trabalho uma singularidade que marca o contexto de reflexão. Colocam, ainda, à disposição das investigações no mercado editorial múltiplos conhecimentos, por isso, os vinte e oito textos que serão apresentados dialogam com as necessidades dos interlocutores deste e-book, os múltiplos leitores.

No primeiro capítulo, são apresentadas reflexões da literatura para o desenvolvimento do ser humano. No segundo capítulo, a cultura ucraniana, bem como seu contexto e trajetória são apresentados em um município do Paraná. No terceiro capítulo, há uma reflexão memorialística não homogênea configurada nas descrições de Valentine de Saint-Point. No quarto capítulo, as autoras discutem sobre plano fronteiro entre o plágio e a intertextualidade, bem como colocam em destaque as possíveis implicações para o meio acadêmico.

No quinto capítulo, é demonstrada a importância da leitura para o incentivo à participação dos alunos nas aulas de literatura. No sexto capítulo, o autor apresenta alguns encaminhamentos no trabalho com a leitura como porta que se abre para as possibilidades de um mundo possível. No sétimo capítulo, as autoras analisam, criticamente, a colocação dos pronomes oblíquos no Português Brasileiro. No oitavo capítulo, as narrativas são colocadas no campo da experiência nas propostas de ensinar e aprender teatro na escola.

No nono capítulo, são desenvolvidas reflexões sobre o posicionamento da mulher negra na noção de entre-lugar ou nos espaços de fronteiras, normalmente, resultantes de processo diaspóricos. No décimo capítulo, pesquisa-se e relata-se o legado deixado pela bailarina, coreógrafa, gestora e professora Rosa Cagliani que atuou, incisivamente, na cidade de João Pessoa, no estado da Paraíba. No décimo primeiro capítulo, as autoras apresentam as peculiaridades do idioma Francês e suas repercussões político-militares. No décimo segundo capítulo, as autoras analisam a figura das beatas na literatura ficcional do livre pensador Clodoaldo Freitas.

No décimo terceiro capítulo, as teorias de Saussure e Chomsky representam o ponto de discussão. No décimo quarto capítulo, a autora apresenta breves reflexões do uso de imagens em sistemas de avaliação. No décimo quinto capítulo, a autora apresenta parte de um resultado de pesquisa do Mestrado Profissional em Artes. No décimo sexto capítulo, são suscitadas reflexões quanto ao uso da linguagem poética na visibilidade do espaço acadêmico.

No décimo sétimo capítulo é apontado uma gama de reflexões críticas sobre o processo de formação e criação do que vem sendo denominado *dança aérea* ou *vertical*. No décimo oitavo capítulo, os autores descrevem e analisam experiências pedagógicas desenvolvidas a partir de um projeto de extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins. No décimo nono capítulo, propõem algumas indagações sobre a dança no universo da cibercultura. No vigésimo capítulo,

a autora relata e discute a relevância de um projeto musical a partir das canções de Dorival Caymmi e Luiz Gonzaga.

O vigésimo primeiro capítulo trata-se de uma análise acerca da divulgação científica feita por dois jornais impressos. No vigésimo segundo capítulo, as autoras debatem os temas *educação* e ética como caminhos saudáveis para uma sociedade melhor. No vigésimo terceiro capítulo, o autor analisa a função do profissional tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais. No vigésimo quarto capítulo, a autora articula alguns conceitos de encenação, baseando-se em literaturas especializadas.

No vigésimo quinto capítulo, o autor analisa as proposições da música eletroacústica. No vigésimo sexto capítulo, os autores analisam o fenômeno *fake news* no contexto da campanha presidencial de 2018. No vigésimo sétimo capítulo é discutida a formação continuada de professores de educação infantil e, por fim, no vigésimo oitavo capítulo, o autor discute o termo *folclore* a partir de uma cultura diferente.

Assim sendo, que as reflexões desta obra contribuam de alguma forma com ampliação cultural e leitura dos interlocutores que pretendem tomar cada texto como fonte singular de pesquisa.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONCEPÇÃO INTERACIONISTA DE LINGUAGEM E O ENSINO DE LITERATURA EM AULAS DE LÍNGUA INGLESA	
Gabriela Tabareli Neuvald	
DOI 10.22533/at.ed.0551909101	
CAPÍTULO 2	10
A CULTURA UCRANIANA E SUA TRAJETÓRIA NO MUNICÍPIO DE RONCADOR – PR	
Ana Flávia Slobodjan dos Santos	
Loremi Loregian-Penkal	
DOI 10.22533/at.ed.0551909102	
CAPÍTULO 3	23
“A DANÇA MODERNA ESTÁ POR CRIAR”: VALENTINE DE SAINT-POINT E O PROJETO DA <i>METACÓREIA</i>	
Verônica Teodora Pimenta	
DOI 10.22533/at.ed.0551909103	
CAPÍTULO 4	35
A FRONTEIRA ENTRE A INTERTEXTUALIDADE E O PLÁGIO: ANÁLISE DE UM CASO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA	
Eliane Guerreiro Nascimento	
Valeria Silveira Brisolará	
DOI 10.22533/at.ed.0551909104	
CAPÍTULO 5	47
A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO INCENTIVO À INTERAÇÃO/ PARTICIPAÇÃO ENTRE OS ATORES DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NAS AULAS DE LITERATURA	
Reris Adacioni de Campos dos Santos	
Raquel Batista Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0551909105	
CAPÍTULO 6	61
LEITURA: PASSAPORTE PARA UM MUNDO POSSÍVEL	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.0551909106	
CAPÍTULO 7	74
A LÍNGUA EM USO: SINTAXE DE COLOCAÇÃO	
Manuelle Pereira da Silva	
Amanda Ferreira Ferreira	
Bárbara Furtado Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.0551909107	
CAPÍTULO 8	85
APRENDER/ENSINAR TEATRO NA ESCOLA: NARRATIVAS PARA RECRIAÇÕES DE SI COMO ARTISTA/DOCENTE	
Fernanda da Silva Araújo Mélo	
DOI 10.22533/at.ed.0551909108	

CAPÍTULO 9	95
A MULHER NEGRA NO ENTRE LUGAR: LUÍSA MAHIN EM <i>UM DEFEITO DE COR</i> DE ANA MARIA GONÇALVES	
Jeane Virgínia Costa do Nascimento Elio Ferreira de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.0551909109	
CAPÍTULO 10	102
AS CONTRIBUIÇÕES DE ROSA CAGLIANI PARA A DANÇA EM JOÃO PESSOA – PB ENTRE AS DÉCADAS DE 1980 E 2000	
Taciana Assis Bezerra Negri	
DOI 10.22533/at.ed.05519091010	
CAPÍTULO 11	110
AS CONTRIBUIÇÕES DO IDIOMA FRANCÊS PARA A EDUCAÇÃO MILITAR NO BRASIL	
Janiara de Lima Medeiros Fabio da Silva Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.05519091011	
CAPÍTULO 12	120
AS REPRESENTAÇÕES DAS BEATAS NA LITERATURA DE CLODOALDO FREITAS DO INÍCIO DO SÉCULO XX	
Camila de Macedo Nogueira e Martins Oliveira Elizangela Barbosa Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.05519091012	
CAPÍTULO 13	134
AS TEORIAS DE SAUSSURE E CHOMSKY NO CRIACIONISMO: A LINGUAGEM COMO FATOR DE PERCEPÇÃO E CONSTITUIÇÃO DA REALIDADE	
Jorge Adrihan do Nascimento de Moraes Monique Siqueira de Andrade Estéfany Ingridy Cruz de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.05519091013	
CAPÍTULO 14	145
BREVE REFLEXÃO SOBRE O USO DE IMAGENS NOS PROCESSOS AVALIATIVOS	
Denise Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.05519091014	
CAPÍTULO 15	157
CANTOS DE TRABALHO: DAS ROÇAS PARA A SALA DE AULA. POSSIBILIDADES VOCAIS E INSTRUMENTAIS	
Cristina Maria Carvalho Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.05519091015	
CAPÍTULO 16	165
CONSOLIDANDO EXPECTATIVAS: ANÁLISE “FAMÍLIA MULEMBÁ” CONSOLIDATING EXPECTATIONS: ANALYSIS “FAMILY MULEMBÁ”	
Abinair Maria Callegari	
DOI 10.22533/at.ed.05519091016	

CAPÍTULO 17	181
CORPO NA DANÇA AÉREA/VERTICAL: RESSIGNIFICAÇÕES OU REPETIÇÃO DE PADRÕES ESTÉTICOS NA DANÇA?	
Yara dos Santos Costa Passos Raíssa Caroline Brito Costa	
DOI 10.22533/at.ed.05519091017	
CAPÍTULO 18	190
DANÇANDO PARA APRENDER E EDUCAR: DIALOGANDO COM A ESCOLA, A COMUNIDADE E O CORPO	
Roberto Lima Sales Ana Mariza Honorato da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.05519091018	
CAPÍTULO 19	200
DANÇA NO UNIVERSO DIGITAL	
José da Silva Romero Kathya Maria Ayres de Godoy	
DOI 10.22533/at.ed.05519091019	
CAPÍTULO 20	210
DORIVAL CAYMMI E LUIZ GONZAGA PARA CONJUNTO DE VIOLÕES: UM EXPERIMENTO DO ENSINO COLETIVO COM ARRANJOS AUTORAIS PARA MÚSICA BRASILEIRA	
Judith Eny Paes Leite	
DOI 10.22533/at.ed.05519091020	
CAPÍTULO 21	220
ECLIPSE DA SUPERLUA: ANÁLISE DOS PROCEDIMENTOS LINGUÍSTICOS-DISCURSIVOS EM TEXTOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	
Denise de Souza Assis Rainhany Karolina Fialho Souza	
DOI 10.22533/at.ed.05519091021	
CAPÍTULO 22	231
EDUCAÇÃO E ÉTICA: RUMO À CONVIVÊNCIA SAUDÁVEL NO ESPAÇO FAMILIAR E SOCIAL	
Rosineide Rodrigues Monteiro Bruna Marjory Monteiro Mota Karine Vanessa Monteiro Mota	
DOI 10.22533/at.ed.05519091022	
CAPÍTULO 23	242
EDUCAÇÃO E PODER: O PAPEL DO INTÉRPRETE DE LINGUA BRASILEIRA DE SINAIS NAS DISPUTAS SIMBÓLICAS PELA DEFINIÇÃO DE SURDEZ	
Elder Freitas Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.05519091023	
CAPÍTULO 24	249
ENCENAÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA - UM FRAGMENTO A PARTIR DE UM OLHAR FEMININO	
Júlia Sant'Anna dos Santos Veras	
DOI 10.22533/at.ed.05519091024	

CAPÍTULO 25	259
ESCUTA E ANÁLISE FUNCIONAL COMO FERRAMENTA DE CONSTRUÇÃO INTERPRETATIVA EM MÚSICA ELETROACÚSTICA MISTA	
Ronan Gil de Morais	
DOI 10.22533/at.ed.05519091025	
CAPÍTULO 26	274
FAKE NEWS: (DES)CONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA?	
Holdamir Martins Gomes	
Carla de Queiroz Afonso	
Mithya Balbina Carlos Pereira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.05519091026	
CAPÍTULO 27	287
FORMAÇÃO CONTÍNUA PARA DIDÁTICA DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL EM REDE PRIVADA NA CIDADE DE TEFÉ	
Delva Maria Motta dos Santos	
Rosineide Rodrigues Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.05519091027	
CAPÍTULO 28	296
HARKADÁ: UMA FORMA DE EXPRESSÃO (FOLCLÓRICA?) DA DANÇA ISRAELITA	
Fernando Davidovitsch	
DOI 10.22533/at.ed.05519091028	
SOBRE O ORGANIZADOR	308
ÍNDICE REMISSIVO	309

A MULHER NEGRA NO ENTRE LUGAR: LUÍSA MAHIN EM *UM DEFEITO DE COR* DE ANA MARIA GONÇALVES

Jeane Virgínia Costa do Nascimento

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Piauí

São João do Piauí - Piauí

Elio Ferreira de Souza

Universidade Estadual do Piauí

Teresina - Piauí

RESUMO: Este artigo tem como propósito desenvolver reflexões sobre o posicionamento da mulher negra no entre-lugar ou espaços de fronteiras normalmente resultantes de processos diaspóricos. As reflexões ocorrerão em torno das decisões e ações da personagem Luísa Mahin (Kehinde), em sequestro na África e chegada ao Brasil e a participação em movimentos de reivindicação de direitos e reconhecimento de sua cultura e identidade, no romance *Um defeito de cor* (2006) de autoria de Ana Maria Gonçalves. Alguns pontos retratados na obra serão estudados: a convivência entre povos de origens diferentes, coexistência de diferentes práticas religiosas e planejamento/participação na Revolta dos Malês. Para isto, serão destacados trechos da obra em que a personagem central irá se posicionar diante dos acontecimentos que levarão ou a ressignificação de práticas culturais e, conseqüentemente, sua identidade, ou, ainda, resistência em aceitar a cultura e a identidade do opressor. Estes fatos

serão analisados pela perspectiva do conceito de entre-lugar de Homi Bhabha e criouliização/mestiçagem de Edouárd Glissant. Desse modo, a pesquisa apresenta a mulher negra não como sujeito oprimido e silenciado, mas também como sujeito com o poder de decisão e influência nas sociedades multiculturais.

PALAVRAS-CHAVE: mulher negra, entre-lugar, diáspora, identidade.

THE BLACK WOMAN IN THE IN-BETWEEN:
LUÍSA MAHIN IN *UM DEFEITO DE COR*
WRITTEN BY ANA MARIA GONÇALVES

ABSTRACT: This article has the purpose to develop reflections about the positioning of black woman in-between or frontiers spaces normally which are resulted of diaspora processes. The reflections will occur around the decisions and actions of Luísa Mahin (Kehinde) character, her kidnapping in Africa and arriving in Brazil and her participation in right claims movement and recognition of her culture and identity, in the novel *Um defeito de cor* (2006) written by Ana Maria Gonçalves. Some subjects presented in the masterpiece will be studied: the coexistence of people from different origins, different religious practices coexistence and the planning/participation in Malês Revolution. For that, it will be highlighted novel fragments in

which the central character will take some decisions that will get or the resignification of cultural practices and, consequently, her identity, or, still, the endurance to accept the culture and the identity of the oppressor. These facts will be analyzed based on the concept of in-between by Homi Bhabha, the concepts of creolization/miscegenation by Édouard Glissant. Thereby, the research has presented the Black woman not only as an oppressed and muted subject, but as a subject with empowerment and influence in multicultural societies.

KEYWORDS: Black woman, in-between, diaspora, identity.

1 | INTRODUÇÃO

O romance *Um defeito de cor*, escrito por Ana Maria Gonçalves e publicado em 2006, é uma narrativa biográfica de Kehinde (nome africano dado pela mãe e símbolo de reconhecimento para seus ancestrais), que é sequestrada e traficada para o Brasil, onde para ser aceita pelo senhor assume o nome de Luísa. O livro é vencedor do “Prémio Casa de las Américas”, o que chama atenção além de seu volume (950 páginas) é o modo como a escravidão é narrada “a partir de uma perspectiva feminina e afro-descendente” (DUARTE, 2009, p. 22). Assim, há ruptura com o que comumente se vê nos romances dessa natureza que tem, em sua maioria, protagonistas masculinos, escritos por autores com a visão hegemônica, ou seja, negros que aparecem em posição de servidão ao branco.

Um defeito de cor se destaca também pela quantidade de zonas de fronteiras ou entre-lugares. Na perspectiva de Bhabha (2001, p. 20), estes “focalizam aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação das diferenças culturais”. Tais diferenças manifestam-se não somente na relação entre colonizador e colonizado, mas também entre os diversos povos que foram traficados da África para o Brasil. Assim, identificamos outro diferencial do romance: as representações dos povos do continente africano em suas características específicas e não somente como uma cultura homogênea como até então foi veiculado pela cultura hegemônica.

A fim de destacar tal diversidade do continente africano foi necessário, neste estudo, o mapeamento de alguns destes espaços intersticiais tais como: a partida do navio tumbeiro com a protagonista e demais habitantes da África para o Brasil, a chegada de Kehinde ao Brasil e, já como Luísa, o planejamento e participação na Revolta dos Malês. Esses são alguns pontos que merecem destaque para exemplificar como ocorriam os encontros de culturas, ou seja, a manifestação da diversidade nos chamados entre-lugares.

Como tais encontros culturais foram vistos pela perspectiva de uma mulher negra escravizada? A partir deste questionamento e do contexto apresentado, o presente trabalho tem como principal objetivo desenvolver reflexões acerca do comportamento da personagem Kehinde (Luísa Mahin) nos entre-lugares e como as ações de resistência foram manifestadas nestes interstícios.

21 A MULHER NEGRA NO ENTRE-LUGAR: KEHINDE/LUÍSA E AS MANIFESTAÇÕES DE RESISTÊNCIA

Nas palavras de Homi K. Bhabha (2001, p. 20), compreende-se como entre-lugar, aqueles espaços intersticiais que “focalizam aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação das diferenças culturais”. O romance apresenta diversos momentos em que essas zonas de fronteira ocorrem e em que podem ser vistas várias manifestações culturais representadas como reações a um fato comum. O primeiro exemplo a ser aqui exposto é a partida do navio tumbeiro da África em direção ao Brasil, contada por Kehinde:

Um dos muçurumins gritou alto e os outros repetiram, saudando Alá. A minha avó saudou primeiro a minha mãe e o Kokumo, depois os Ibêjis e Nanã, e então pegou a minha mão e a da Taiwo e as levou ao runjebe pendurado no pescoço, pedindo a proteção e a ajuda de Ayzan, Sogbô, Aguê e Loko [...] ao que eu e a Taiwo respondemos “kaô”. Muitas pessoas também responderam, e outras saudações e pedidos de proteção foram ouvidos em várias línguas [...] A minha avó comentou que, pelas saudações, ali deviam estar jejes, fons, hauçás, igbos, fulanis, maís, popos, tapas, achantis e egbás, além de outros povos que não conhecia. A Aja disse que era uma hauçá convertida e seu marido era um alufá, e nos saudou à maneira dos muçurumins, com um salamaleco (GONÇALVES, 2006, p. 47-48).

Neste fragmento é possível verificar o encontro de várias manifestações religiosas, o que rompe com a visão hegemônica de que a África é um local de cultura única. Um dos aspectos mais evidentes é a divisão política pois sabe-se que a África é dividida em vários países e que cada um possui sua respectiva diversidade cultural. Dentre os aspectos culturais a serem destacados, a religiosidade é uma das mais marcantes. De início, verifica-se a presença de muçulmanos (muçurumins) quando esses sujeitos estão “saudando Alá”, conhecidamente seu Deus. Percebe-se no fragmento, expressões como “alufá”, que é o sacerdote muçulmano e “salamaleco” que é proveniente da língua árabe significando “a paz esteja contigo.”

No excerto, Kehinde e sua irmã Taiwo embarcaram juntamente com sua avó, que saudou os Ibêjis e Nanã, orixás protetores das crianças e a “orixá do lodo e senhora dos mortos” (CANTIGAS, 2011, p. 25), respectivamente. Cita-se o uso de amuletos como o “runjebe, colar de contas dos iniciados no culto dos voduns” (GONÇALVES, 2008, p. 47), alguns desses são citados tais como “Ayzan, Sogbô, Aguê e Loko”, respectivamente, voduns da nata da terra, do trovão, da folhagem e do tempo (p. 48), o voduísmo é baseado na ideia da ancestralidade, que conforme Verger (1981, n. p.) argumentou que o voduísmo se firma na noção de família e na capacidade daqueles que não pertencem mais ao mundo material de se incorporar em entes familiares preparados para isso.

Duarte (2009, p. 31) esclarece que “*Um defeito de cor* endossa em sua visão de mundo a perspectiva do sujeito diaspórico que guarda consigo as marcas da cultura e da religiosidade das várias Áfricas aqui chegadas”. Assim, entende-se que os contatos religiosos diversos se realizaram no continente africano, prosseguiram

no navio tumbeiro e chegaram até as colônias. Essa diversidade, especialmente durante a travessia, que não foi restrita à religiosidade, mas também em relação a língua, foi feita de modo proposital por parte do colonizador para evitar que houvessem consonância de pensamentos revoltosos entre as pessoas traficadas, evitando assim, possíveis rebeliões.

A travessia e os contatos ocorridos ao longo dela não foram suficientes para que a crença religiosa de Kehinde se modificasse, situação que é retratada no trecho relativo à chegada da personagem ao Brasil:

Amarrei meu pano em volta do pescoço, como a minha avó fazia, e saí correndo pelo meio dos guardas. Antes que algum deles conseguisse me deter, pulei no mar. A água estava quente e eu não sabia nadar direito. Então me lembrei de lemanjá e pedi que ela me protegesse e levasse até a terra. Um dos guardas deu um tiro, mas logo ouvi gritarem com ele, provavelmente para não perderem uma peça, já que eu não tinha como fugir a não ser para a ilha, onde outros já me esperavam. Ir para ilha e fugir do padre era exatamente o que eu queria, desembarcar usando meu nome, o nome que a minha avó e a minha mãe tinham me dado e com o qual me apresentaram aos orixás e aos voduns (GONÇALVES, 2006, p. 63).

A religião era um dos primeiros aspectos a serem impostos aos povos escravizados; entretanto, Kehinde é a personificação da resistência à imposição do colonizador, pois mesmo sendo uma criança não assimilou a religiosidade católica. Além disso, esta passagem destaca a importância da religião ancestral para a personagem; o pedido a lemanjá que segundo Prandi (2015, p. 22) é “a senhora das grandes águas, mãe dos deuses, dos homens e dos peixes, aquela que rege o equilíbrio emocional e a loucura”, reitera a relevância da crença nos orixás especialmente em situações de risco como a enfrentada por Kehinde. Assim, temos a perspectiva religiosa do colonizado e uma exemplificação de como ela se manifesta no romance.

Ao longo da história, sob a lente do colonizador, a religião católica deveria ser obrigatoriamente adotada. Munanga (2015, p. 29) afirma que os europeus viam os negros como profundamente corruptos e pecaminosos, além disso para os europeus dos séculos XVI e XVII, “o homem não deve temer a escravidão do homem pelo homem, e sim sua submissão às forças do mal [...] foram instaladas capelas nos navios negreiros para que se batizassem os escravos antes da travessia”; ou seja, compreende-se que a partir do pensamento europeu, o estilo de vida africano era inferior e selvagem, que a escravidão era uma forma de “pagar pelos pecados” e que a adoção do catolicismo poderia salvar estes povos. No fragmento, a obrigação do batismo foi realizada antes que os africanos escravizados pisassem em terra firme, como uma forma de purificação para escravização.

Os contatos intersticiais podem ser visualizados, também, quando Luísa, após se tornar escrava de ganho, comprou a sua própria carta de alforria e foi morar na loja (casa) dos muçurumins. Na passagem a seguir, é possível observar a convivência das diversas crenças religiosas manifestadas de modo pacífico:

Na sexta-feira, dia de ritual, ele (Fatumbi) chegou mais cedo à loja, subiu para conversar comigo [...] como eu não estava esperando por ele, não tinha guardado meus orixás. Não que eu os escondesse, pois a minha companheira de quarto, a Claudina, também era devota dos orixás, que os muçurumins pareciam tolerar, assim como faziam com os santos católicos da Vicência [...] O Fatumbi conhecia os orixás, e contou que pelo ao menos durante um mês do ano, os muçurumins faziam jejum desde a hora em que o sol surgia até a hora que desaparecia [...] Daquilo eu já sabia, o que não sabia era que essa tradição, o Ramadã, estava explicada em um dos versos do oráculo de Ifá (GONÇALVES, 2011, p. 286).

Por ser uma das manifestações do entre-lugar presentes na obra, a casa dos muçurumins foi o espaço de planejamento e ponto prático de partida para a Revolta dos Malês, levante ocorrido em Salvador no ano de 1835 que, de acordo com Machado e Rocha (2011, p. 97) em que os “líderes muçulmanos lutavam contra a condição escrava e a imposição do catolicismo”. Luísa não se limitou a planejar a batalha, mas também participou ativamente da mesma, personificando sua postura revolucionária enquanto mulher negra, ex-escravizada que buscava igualdade e reconhecimento de direitos. No fragmento narrativo abaixo, Luísa conta sua participação efetiva no movimento:

o Manoel Calafate saiu na frente gritando em árabe ‘em nome de Alá, mata soldado!’, e foi seguido pelo nosso grupo de mais ou menos trinta pessoas, armadas com uns poucos bacamartes, algumas parnaíbas, facas, lanças e espadas. Não me causou boa impressão esse início de luta, antecipando o momento planejado [...] Eu tentava me acostumar ao barulho para saber como agir, e, misturados aos gritos de guerra em árabe, hauçá e iorubá, além da luta corpo a corpo, os tiros eram o que mais incomodavam. O Fatumbi percebeu minha perturbação e me disse para ficar atenta se quisesse continuar viva, e para não ficar parada esperando chumbo [...] Inicialmente, éramos mais ou menos quarenta pessoas, mas outros pretos se juntaram a nós quando chegamos à Praça do Palácio, e já devíamos ser quase cem (GONÇALVES, 2011, p. 523-525).

Mais do que uma batalha, o Levante dos Malês demonstrou que os negros, especialmente os de origem muçulmana, eram pessoas instruídas e que sabiam de seu valor e contribuição para a construção da sociedade colonial. Duarte (2009, p. 23) destaca a revolta como “um dos momentos maiores de insubordinação contra o sistema que reduzia os negros a peças da engrenagem de produção fundada no trabalho escravo”. Luísa, mesmo não sendo seguidora do Islã, mas consciente da importância do povo negro para o pleno funcionamento da sociedade, participou da linha de frente desse processo reivindicatório, demonstrando assim que, mesmo apresentando diferenças religiosas e de linguagem, todos os que foram escravizados possuíam um objetivo comum: a busca da liberdade, porém o movimento não foi bem sucedido. Na perspectiva de Machado e Rocha (2011, p. 97), a revolta teve algumas outras interpretações:

O Levante e a repressão tiveram repercussão em todo o país, desencadeando o aumento da vigilância e opressão exercida sobre os escravos. Entretanto, apesar da derrota, a Revolta dos Malês, representou simbolicamente uma vitória porque se tornou um marco histórico que culminou no Brasil do século XIX com a compreensão da sociedade brasileira do necessário debate acerca da escravidão e do tráfico (MACHADO; ROCHA, 2011, p. 97).

Além disso, Luísa, ao participar da linha de frente do levante, desconstruiu a ideia de que a mulher deve limitar suas ações ao âmbito privado que, em situações de batalha, como a dos Malês, limita-se às práticas ritualísticas, cuidar da alimentação e cuidar dos eventuais guerreiros feridos.

Desse modo, compreende-se que as revoltas proporcionam revoluções nos modos de pensar. As novas perspectivas surgem a partir do choque de vivências e opiniões das identidades que compõem a sociedade. Em *Um defeito de cor*, tais encontros manifestam-se pela convivência pouco pacífica entre colonizador e colonizado e, mais especificamente, entre brancos e negros. Luísa é a personificação de que muitos destes processos de submissão são reforçados não somente pelo “defeito de cor”, mas também por meio de situações de vulnerabilidade relacionadas ao gênero, mas que também podem se ressignificar diante das situações de opressão. Acerca disso, Glissant afirma que:

as culturas do mundo colocadas em contato umas com as outras de maneira fulminante e absolutamente consciente transformam-se, permutando entre si, através de choques irremiscíveis, de guerras impiedosas, mas também de avanços de consciência e de esperança (GLISSANT, 2005, p.18).

Isto posto, os entre-lugares apresentados neste estudo representam os diversos desdobramentos que os encontros de cultura podem apresentar, sobretudo quando os mesmos são vivenciados por uma mulher negra em uma sociedade escravocrata.

3 | CONCLUSÃO

A partir do mapeamento das manifestações do entre-lugar e criouliização expostas na narrativa e fundamentadas teoricamente por autores como Bhabha e Glissant, foi possível desenvolver reflexões a respeito das atitudes de Luísa diante de situações de opressão.

Ainda no navio tumbeiro, Kehinde (Luísa) teve contato com várias culturas e vislumbrou muitas manifestações religiosas. Orientada pela avó, a protagonista teve o seu conhecimento reforçado sobre seus ancestrais e orixás. Tal ensinamento fortaleceu a importância de sua religião, mesmo diante da religiosidade cristã imposta pelo colonizador, especialmente em sua recusa ao batismo cristão. Em ambas, a personagem demonstrou resistência em relação à religiosidade do colonizador.

A protagonista posicionou-se de maneira ativa na preservação de sua identidade e luta por direitos, mesmo em situações de silenciamento. Tal fato ocorreu na Revolta dos Malês cuja principal justificativa era a reivindicação de direitos humanos aos africanos e afrodescendentes, dentre eles à liberdade religiosa e suas práticas e não a submissão à religião hegemônica.

O romance *Um defeito de cor* traz consigo as atitudes de resistência religiosa de Kehinde (Luísa) que, mesmo nos entre-lugares, desde criança e depois já na idade adulta, não se limitou à subalternidade imposta mas, a partir dessa, se

posicionou de modo revolucionário contra o sistema colonialista. Desse modo, conclui-se que a protagonista apresentada no romance rompeu com a passividade feminina apresentada nos romances, tanto pelo fato de ser mulher negra e não ter sido apresentada de forma passiva e submissa como outros romances se propõe.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. 399p.

CANTIGAS DE UMBANDA E CANDOMBLÉ: pontos cantados e riscados de orixás, caboclos, pretos-velhos e outras entidades. Rio de Janeiro: Pallas, 2011. 349p.

DUARTE, Eduardo de Assis. Na cartografia do romance afro-brasileiro: “Um Defeito de Cor” de Ana Maria Gonçalves. In: **Culturas e diásporas africanas**. Organização: Cláudia Regina Lahni [et al]. Juiz de Fora: UFJF, 2009. 182p.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma Poética da Diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. 176p.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. 7ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

MACHADO, Cristina Vasconcelos; ROCHA, Enilce do Carmo Albergaria. Descolamento religioso: tentativa de resignificação no romance Um defeito de cor. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**. Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p. 93-99, ago./dez. 2011.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e sentidos**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. 93p.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. 20 reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

VERGER, Pierre. **Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo**. Salvador: Editora Corrupio Comércio, 1981. Não paginado. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B8FTIPd5X-jmYWQyMDgxNTAtMjYxNC00OTExLWE1NDktOTZlOWU0YTA5MTRk/view?ddrp=1&hl=pt_PT>. Acesso em 16 de fevereiro de 2017.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA - Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Analítica 267, 272

Avaliação 9, 57, 58, 89, 93, 145, 147, 150, 151, 152, 153, 155, 289, 294

B

Beatas 120, 121, 126, 127, 130, 133

C

Chomsky 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144

Cibercultura 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 278

Criação 14, 16, 49, 89, 91, 93, 103, 106, 113, 117, 118, 134, 135, 140, 141, 144, 150, 159, 164, 179, 181, 182, 184, 192, 194, 195, 197, 198, 201, 203, 208, 223, 250, 251, 252, 256, 262, 263, 265, 267, 268, 269, 296, 300

Crítica 3, 24, 27, 28, 31, 78, 83, 120, 122, 123, 126, 127, 128, 130, 132, 178, 179, 187, 212, 214, 250, 251, 266, 282, 297

Cultura 2, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 53, 89, 93, 95, 96, 97, 100, 101, 104, 105, 107, 113, 116, 117, 118, 130, 146, 149, 157, 158, 159, 164, 165, 176, 178, 179, 180, 181, 183, 190, 191, 192, 197, 199, 201, 202, 204, 205, 207, 208, 209, 211, 213, 215, 216, 218, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 256, 257, 280, 285, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307

D

Dança 14, 15, 16, 17, 23, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 33, 94, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 136, 163, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 257, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304

Divulgação científica 220, 221, 222, 226

Dorival Caymmi 210, 213, 214, 215, 216, 217, 218

E

Educação 2, 9, 14, 16, 21, 35, 42, 45, 49, 54, 57, 64, 70, 71, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 92, 93, 94, 95, 110, 111, 113, 115, 116, 118, 119, 122, 123, 124, 128, 133, 134, 148, 149, 155, 157, 158, 159, 160, 164, 181, 183, 190, 192, 194, 199, 201, 208, 210, 212, 218, 219, 231, 232, 233, 234, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 259, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 308

Educação infantil 88, 116, 118, 208, 287, 288, 289, 290, 291, 293, 294, 295

Eletroacústica 259, 260, 261, 262, 263, 264, 267, 268, 270, 272, 273

Encenação 90, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 257, 258

Ética 37, 39, 42, 44, 132, 185, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 278, 282

F

Fake News 274, 275, 276, 277, 280, 282, 284, 285, 286

Folclore 125, 176, 296, 303, 304, 305, 306, 307

Formação 2, 3, 4, 8, 9, 14, 15, 19, 26, 29, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 71, 72, 73, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 104, 106, 110, 115, 117, 118, 119, 121, 124, 127, 133, 135, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 155, 157, 160, 181, 183, 185, 186, 188, 196, 198, 202, 208, 210, 211, 213, 216, 218, 227, 231, 232, 233, 240, 247, 270, 281, 287, 288, 289, 291, 292, 293, 294, 295, 297, 299, 302

Francês 104, 106, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 144, 175, 297, 298

Fronteiras 95, 96, 176, 185, 204, 206, 249, 255, 306, 307

H

Homogênea 96, 183

I

Intertextualidade 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 44, 45, 46, 128, 131

L

Leitura 2, 3, 4, 6, 8, 9, 36, 37, 38, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 83, 131, 148, 151, 153, 155, 156, 188, 211, 233, 298

Literatura 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 27, 31, 33, 35, 41, 42, 44, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 63, 64, 74, 75, 79, 84, 87, 93, 113, 120, 121, 123, 126, 127, 131, 133, 146, 160, 182, 184, 203, 231, 307

Luiz Gonzaga 210, 213, 214, 215, 216, 217, 218

M

Mulher negra 95, 96, 97, 99, 100, 101

P

Plágio 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45

Possibilidades 26, 33, 71, 76, 92, 150, 151, 153, 154, 157, 164, 185, 186, 188, 197, 198, 205, 257, 260, 265, 268, 269, 270, 271, 272, 279, 288, 294

Professores 5, 7, 9, 47, 56, 57, 64, 66, 71, 72, 113, 114, 116, 117, 118, 122, 124, 154, 164, 193, 197, 202, 212, 213, 215, 216, 232, 234, 239, 241, 287, 288, 289, 291, 292, 293, 294, 295, 299, 302

Pronomes oblíquos 74, 75, 76, 79, 80, 83

R

Reflexão 35, 36, 62, 64, 68, 74, 129, 135, 145, 149, 158, 171, 178, 185, 187, 201, 202, 203, 205, 207, 214, 235, 237, 243, 245, 251, 252, 253, 278, 282, 287, 288, 289, 292, 293, 294, 308

S

Saussure 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144

Sociedade 3, 7, 26, 28, 29, 31, 55, 57, 59, 62, 67, 71, 99, 100, 111, 114, 116, 118, 120, 122, 126, 127, 130, 132, 138, 143, 158, 159, 188, 191, 192, 198, 202, 208, 209, 215, 230, 231, 232, 234, 235, 237, 239, 240, 242, 243, 244, 247, 248, 263, 275, 277, 278, 279, 282, 284, 285, 298, 300, 303

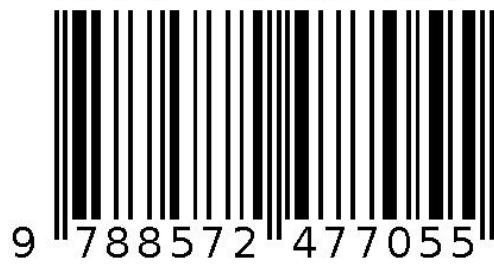
T

Teatro 15, 24, 25, 58, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 147, 184, 234, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 257, 258

Tradutor 43, 242, 245, 246, 247

Trajectoria 10, 11, 72, 85, 86, 87, 90, 94, 102, 103, 107

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-705-5



9 788572 477055